

Enganara-me, todavia. Ninguém se preocupava com a Terra ou com as coisas da sua gente.

Tranquilizem-se contudo os que ficaram, porque se não encontrei o Padre Eterno com as suas longas barbas de neve, como se fôssem feitas de paina alva e macia, segundo as gravuras católicas, não vi também o Diabo.

Logo que tomei conta de mim, conduziram-me a um solar confortável como a casa dos Bernardelli na praia de Copacabana. Semelhante a uma abadia de frades da Estíria, espanta-me o seu aspecto imponente e grandioso. Procurei saber nos anais dêsse casarão do outro mundo as notícias relativas ao planeta terreno. Examinei os seus *in folios*. Nenhum relato havia com respeito aos santos da côte celestial, como eu os imaginava, nem alusões a Mefistófeles e ao Amaldiçoado. Ignorava-se a história do fruto proibido, a condenação dos anjos rebelados, o decreto do dilúvio, as espantosas visões do evangelista no Apocalipse. As religiões estão na Terra muito prejudicadas pelo abuso dos símbolos. Poucos fatos relacionados com elas estavam naqueles documentos.

O nosso mundo é insignificante demais pelo que pude constatar na outra vida. Conforta-me porém haver descoberto alguns amigos velhos entre muitas caras novas.

Encontrei o Emílio, radicalmente transformado. Contudo, às vezes, faz questão de aparecer-me de ventre rotundo e rosto bonacheirão como recebia os amigos na Pascoal para falar da vida alheia.

— Ah! filho — exclama sempre — há momentos nos quais eu desejava descer no Rio como o homem invisível de Wells e dar muita paulada nos bandidos de nossa terra.

E, na graça de quem, esvaziando copos, andou enchendo o tonel das Danaides, desfolha o caderno de suas anedotas mais recentes.

A vida, entretanto, não é mais idêntica à da Terra. Novos hábitos. Novas preocupações e panoramas novos. A minha situação é a de um enférmo pobre que se visse de uma hora para outra em luxuosa estação de águas, com as despesas custeadas pelos amigos. Restabelecendo a minha saúde, estudo e medito. E meu coração, ao descerrar as fôlhas diferentes dos compêndios do Infinito, pulsa como o do estudante nôvo.

Sinto-me novamente na infância. Calço os meus tamanquinhos, visto as minhas calças curtas, arranjo-me às pressas com a má vontade dos garotos incorrigíveis, e vejo-me outra vez diante da mestra Sinhá, que me olha com indulgência através da sua tristeza de virgem desarmada, e repito, apontando as letras na cartilha: — A B C... A B C D E...

Ah! meu Deus, estou aprendendo agora os luminosos alfabetos que os teus dedos imensos escreveram com giz de ouro resplandescente nos livros da Natureza. Faze-me novamente menino para compreender a lição que me ensinas! Sei hoje, relendo os capítulos da tua glória, porque vicejam na Terra os cardos e os jasmâneiros, os cedros e as ervas, porque vivem os bons e os maus, recebendo, numa atividade promíscua, os benefícios da tua casa.

Não trago do mundo, Senhor, nenhuma oferenda para a tua grandeza! Não posso senão o coração, exausto de sentir e bater, como um vaso de iniqüidades. Mas no dia em que te lembrares do mísero pecador, que te contempla no teu doce mistério, como lâmpada de luz eterna, em torno da qual bailam os sóis como pirilampos aceson dentro da noite, fecha os teus olhos misericordiosos para as minhas fraquezas e deixa cair nesse vaso imundo uma raiz de açucenas. Então, Senhor, como já puseste lume nos meus olhos, que ainda choram, plantarás o lírio da paz no meu coração, que ainda sofre e ainda ama.

Humberto de Campos

(Recebida em Pedro Leopoldo em 27 de março de 1935)

#### CARTA AOS QUE FICARAM

No antigo Paço da Boa Vista, nas audiências dos sábados, quando recebia tôda gente, atendeu D. Pedro II a um negro velho, de carapinha branca, e em cujo rosto, enrugado pelo frio de muitos invernos, se descobria o sinal de muitas penas e muitos maus-tratos.

— Ah! meu senhor grande — exclamou o infeliz — como é duro ser escravo!...

O magnânimo imperador encarou suas mãos cansadas no leme da direção do povo e aquelas outras, engelhadas

nas excrecências dos calos adquiridos na rude tarefa das senzalas, e tranqüilizando-o, comovido:

— Ó meu filho, tem paciência! Também eu sou escravo dos meus deveres e êles são bem pesados... Teus infortúnios vão diminuir...

E mandou libertar o prête.

Mais tarde, nos primeiros tempos do seu destérro, o bondoso monarca, a bordo do Alagoas, recebeu a visita do seu ex-ministro; às primeiras interpelações de Ouro Prêto, respondeu-lhe o grande exilado:

— Em suma, estou satisfeito e tranqüilo.

E, aludindo à sua expatriação:

— É a minha carta de alforria... Agora posso ir onde quero.

A coroa era pesada demais para a cabeça do monarca republicano.

Aos que me perguntarem no mundo sobre a minha posição em face da morte, direi que ela teve para mim a fulguração de um Treze de Maio para os filhos de Angola.

A morte não veio buscar a minha alma, quando esta se comprazia nas rês douradas da ilusão. A sua tesoura não me cortou fios da mocidade e de sonho, porque eu não possuía senão neves brancas e rígidas à espera do sol para se desfazerem. O gêlo dos meus desenganos necessitava dêsses calor de realidade, que a morte espalha no caminho em que passa com a sua foice derrubadora. Resistí porém ao seu cérco como Aquiles no heroísmo indomável de quem vê a destruição de suas muralhas e redutos. Na minha trincheira de sacos de água quente, eu a vi chegar quase todos os dias... Mirava-me nas pupilas chamejantes dos seus olhos, pedindo-lhe complacência e ela me sorria consoladora nas suas promessas. Eu não podia porém adivinhar o seu fundo mistério, porque a dúvida obsidiava o meu espírito, enrodilhando-se no meu raciocínio como tentáculos de um polvo.

E, na minha alegria bárbara, sentia-me encurrulado no sofrimento, como um lutador romano aureolado de rosas.

Triunfava da morte e como Ajax recolhi as últimas esperanças no rochedo da minha dor, desafiando o tridente dos deuses.

A minha excessiva vigilância trouxe-me a insônia, que arruinou a tranqüilidade dos meus últimos dias. Perseguido pela surdez, já os meus olhos se apagavam como as derradeiras luzes de um navio soçobrando em mar encapelado no silêncio da noite. Sombra, movendo-se dentro das sombras, não me acovardei diante do abismo. Sem esmorecimentos atirei-me ao combate, não para repelir mouros na costa, mas para erguer muito alto o coração, retalhado nas pedras do caminho como um livro de experiências para os que vinham depois dos meus passos, ou como a réstia luminosa que os faroleiros desabotoam na superfície das águas, prevenindo os incautos dos perigos das sirtes traíceiras do oceano.

Muitos me supuseram corroído de lepra e de vermina como se eu fosse Bento de Labre, raspando-se com a escudela de Jó. Eu porém estava apenas refletindo a claridade das estrélas do meu imenso crepúsculo. Quando me encontrava nessa faina de semear a resignação, a primeira e última flor dos que atravessam o deserto das incertezas da vida, a morte abeirou-se do meu leito; devagarinho, como alguém que temesse acordar um menino doente. Esperou que tapassem com a anestesia tôdas as janelas e interstícios dos meus sentimentos. E quando o caos mais absoluto se fêz sentir no meu cérebro, zás! cortou as algemas a que me conservava retido por amor aos outros condenados, irmãos meus, reclusos no calabouço da vida. Adormeci nos seus braços como um ébrio nas mãos de uma deusa. Despertando dessa letargia momentânea, comprehendi a realidade da vida, que eu negara, além dos ossos que se enfeitam com os cravos rubros da carne.

— Humberto!... Humberto!... — exclamou uma voz longínqua — recebe o que te enviam da Terra!

Arregalei os olhos com horror e com enfado:

— Não! Não quero saber de panegíricos e agora não me interessam as seções necrológicas dos jornais.

— Enganas-te — repetiu — as homenagens da convenção não se equilibram até aqui. A hipocrisia é como certos micróbios de vida muito efêmera. Toma as preces que se elevaram por ti a Deus, dos peitos sufocados, onde penetraste com as tuas exortações e conselhos. O sofrimento entornou sobre o teu coração um cântaro de mel.

Vi descer, de um ponto indeterminado do espaço, braçadas de flôres inebriantes como se fôssem feitas de neblina resplandecente, e escutei, envolvendo o meu nome pobre, orações tecidas com suavidade e doçura. Ah! eu

não vira o céu e a sua corte de bem-aventurados; mas Deus receberia aquelas deprecações no seu sólio de estrélas encantadas como a hóstia simbólica do catolicismo se perfuma na onda envolvente dos aromas de um turíbulo. Nossa Senhora deveria ouvi-las no seu trono de jasmins bordados de ouro, contornado dos anjos que eternizam a sua glória.

Aspirei com força aquêles perfumes. Pude locomover-me para investigar o reino das sombras, onde penso sem miolos na cabeça. Amava ainda e ainda sofria, reconhecendo-me no pórtico de uma nova luta.

Encontrei alguns amigos a quem apertei fraternalmente as mãos. E voltei cá. Voltei para falar com os humildes e com os infelizes, confundidos na poeira da estrada de suas existências, como frangalhos de papel, rodopiando ao vento. Voltei para dizer aos que não pude interpretar no meu ceticismo de sofredor:

— Não sois os candidatos ao casarão da Praia Vermelha.(1) Plantai pois nas almas a palmeira da esperança. Mais tarde ela descobrirá sobre as vossas cabeças encanecidas os seus leques enseivados e verdes...

E posso acrescentar, como o neto de Marco Aurélio, no tocante à morte que me arrebatou da prisão nevoenta da Terra:

— É a minha carta de alforria... Agora posso ir onde quero.

Os amargores do mundo eram pesados demais para o meu coração.

*Humberto de Campos*

(Recebida em Pedro Leopoldo em 28 de março de 1935)

### AOS MEUS FILHOS

Meus filhos, venho falar a vocês como alguém que abandonasse a noite de Tirésias, no carro fulgurante de Apolo, subindo aos cumes dourados e perfumados do Hélicon. Tudo é harmonia e beleza na companhia dos numes e dos gênios, mas o pensamento de um cego, em reabrindo os olhos nas rutilâncias da luz, é para os que ficaram, lá

(1) Hospício Nacional.

longe, dentro da noite onde apenas a esperança é uma estréla de luz doce e triste.

Não venho da minha casa subterrânea de São João Batista,(1) como os mortos que os larápios, às vezes, fazem regressar aos tormentos da Terra, por mal dos seus pecados. Na derradeira morada do meu corpo ficaram os meus olhos enfermos e as minhas disposições orgânicas. Cá estou como se houvesse sorvido um néctar de juventude no banquete dos deuses.

Entretanto, meus filhos, levanta-se entre nós um rochedo de mistério e de silêncio.

Eu sou eu. Fui o pai de vocês e vocês foram meus filhos. Agora somos irmãos. Nada há de mais belo do que a lei de solidariedade fraterna, delineada pelo Criador na sua glória inacessível. A morte não supriu a minha afetividade e ainda possuo o coração de homem para o qual vocês são as melhores criaturas desse mundo.

Dizem que Orfeu, quando tangia as cordas de sua lira, sensibilizava as feras que se agrupavam enternecidamente para escutá-lo. As árvores vinham de longe, transportadas na sua harmonia. Os rios sustavam o curso nas suas correntes impetuosas, quedando-se para ouvi-lo. Havia deslumbramentos na paisagem musicalizada. A morte, meus filhos, cantou para mim, tocando o seu alaúde. Todas as minhas convicções deixaram os seus lugares primitivos para sentir a grandeza do seu canto.

Não posso transmitir esse mistério maravilhoso através dos métodos imperfeitos de que disponho. E, se pudesse, existe agora entre nós o fantasma da dúvida.

Convidado pelo Senhor, eu também estive no banquete da vida. Não nos palácios da popularidade ou da juventude efêmera, mas no átrio pobre e triste do sofrimento onde se conservam temporariamente os mendigos da sua casa. Minha primeira dor foi a minha primeira luz. E quando os infortúnios formaram uma teia imensa de amarguras para o meu destino, senti-me na posse do celeiro de claridades da sabedoria. Minhas dores eram a minha prosperidade. Porém qual o cortesão de Dionísio, vi a dúvida como espada afiadíssima balouçando-se sobre a minha cabeça. Aí na Terra, entre a crença e a descrença,

(1) O espírito se refere ao cemitério de São João.